

E OS MISERÁVEIS?

Tão logo tomou posse como ministro da Ciência e Tecnologia do governo Itamar Franco, o professor José Israel Vargas convocou o diretor e o diretor-adjunto do IBICT para reunião no Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), na qual discutiu e determinou que se procurasse incrementar nesse Instituto atividades de informação capazes de aumentar o papel da ciência como instrumento de desenvolvimento. Mais tarde, ainda no início de seu mandato, tivemos a oportunidade de ouvir novamente o ministro abordar, entre outras questões da ciência e tecnologia, a dívida social do país em relação ao analfabetismo e a miséria como fatores impeditivos de nosso desenvolvimento.

Em um país onde a economia cresceu 4,9% em 1993 e a indústria 11%, a indigência e a miséria bateram o seu recorde (32 milhões de indigentes). A pastoral da criança da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB) indica que no primeiro trimestre de 1993 morriam 53 crianças até um ano de idade, para mil nascidas vivas. Em 1994, esse número subiu de 74 mortes para mil nascidas vivas.

Acredita-se que esse número seja maior, pois se refere apenas ao âmbito de atuação daquela pastoral. Dados do Ministério da Saúde também indicam crescimento da mortalidade. Em Pernambuco morreram, em 1993, 81 crianças para mil nascidas, e em 1994 foram 188 mortes para mil nascimentos.

Análises mais contundentes são formuladas por Ronaldo Albuquerque, do Instituto Nacional de Altos Estudos, Rio de Janeiro. Para o sociólogo, em algumas regiões do país a pobreza é vista como destino: suas causas estão também relacionadas à ignorância ou à concepção que se tem do mundo - percepção e compreensão místicas, imobilismo ou passividade ante os problemas com os quais se defronta.

Leonardo Boff, em seu livro *Nova Era: a civilização planetária, desafios à sociedade e ao cristianismo*, também se refere às necessidades fundamentais da pobreza: "Precisam de ciência clássica e de técnica tradicional para garantir uma infra-estrutura higiênica mínima no bairro, com esgoto, serviço de água e gás, com transporte, escola, moradia, posto de saúde, segurança e espaços de lazer. A modernidade significa introdução do progresso necessário para a dignidade mínima da vida".

EDITORIAL

A consolidação das redes de informação no país deve passar pelo compromisso de reverter o processo elitizante da informação científico-tecnológica, ao qual apenas a intelectualidade brasileira tem acesso. É preciso, como nos alerta Peter Drucker, mudar o nosso próprio comportamento de gestores da informação com a própria informação.

O cidadão comum deve ser estimulado a participar de programas de treinamentos de acesso a redes e sistemas e neles identificar a informação de que necessita. Devemos trabalhar com a perspectiva de tornar o acervo eletrônico livre e sem receios de uso, como ocorre em nossas bibliotecas.

Por outro lado, é fundamental e prioritário o investimento em educação. A produção industrial está provando que o que gera desenvolvimento não é apenas a abundância de matéria-prima e os incentivos fiscais para atrair indústrias. Experiências de empresas que foram instaladas em regiões de menor índice de analfabetismo evidenciam que essas se desenvolveram com maior rapidez, obtendo maior lucro e competitividade do que aquelas que se estabeleceram em outras regiões, atraídas apenas pelo incentivo fiscal, pela mão-de-obra barata, mas não qualificada.

A educação não pode privilegiar apenas o ensino acadêmico, teórico e

distanciado da indústria. Ênfase deve ser dada ao ensino técnico, principalmente aquele que possa formar mão-de-obra especializada para suprir as necessidades empresariais. A informação deve assumir o papel fundamental de identificar fontes que auxiliem e apoiem a criação de novas empresas e o fomento à geração de empregos.

Os serviços de informação, sobretudo as redes, devem consolidar os seus planejamentos estratégicos procurando integrar não só as atividades macro de ciência e tecnologia, ou seja, de atendimento ao pesquisador, mas também aquelas que contemplem a nossa realidade social e os seus diferentes atores. Dessa forma, a possibilidade de uso de novas tecnologias de informação e as transformações sócio-econômicas por que passa o país, tais como o empobrecimento de seu povo, as doenças e o analfabetismo, exigem-nos esforços de reengenharia das atividades de informação para atender às demandas diferenciadas da clientela, que não podem ser restritas à elite intelectual ou ignorar os 32 milhões de indigentes.

Essa preocupação social deve ser permanente. Neste número da *Ciência da Informação*, são abordados, dentre outros, temas como a Aids, a saúde, as tecnologias apropriadas e a educação. Estas e outras abordagens relevantes têm sido e serão publicadas

nesta revista em um esforço conjunto não só do Instituto, mas principalmente da comunidade de informação, geradora e consumidora deste produto, para que melhores e mais eficazes meios possam propiciar a democratização do conhecimento e da informação.

Victor Hugo destacou a importância da literatura na conscientização de um povo, registrando em *Os Miseráveis* as condições subumanas de maneira enfática e, em suas páginas preliminares, ressalta:

"Enquanto existir, fundamentada nas leis e nos costumes, uma condenação social que crie artificialmente, em plena civilização, verdadeiros infernos, ampliando com uma fatalidade humana o destino, que é divino; enquanto os três problemas deste século - a degradação do homem no proletariado, o enfraquecimento da mulher pela fome e a atrofia da criança pela escuridão da noite - não forem resolvidos; enquanto, em certas regiões, a asfixia social for possível; em outros termos, e sob um ponto de vista ainda mais abrangente, enquanto houver sobre a terra ignorância e miséria, os livros da natureza deste poderão não ser inúteis".

José Rincon Ferreira
Diretor do IBICT